



Os irmãos de Mogli

*Agora Rann, o milhafre¹, traz para casa a noite
Que Mang, o morcego, vai libertar
Os rebanhos estão presos em estábulos e cabanas
Pois nós estamos livres até a aurora despertar.
Essa é a hora do orgulho e do poder,
Garras e presas em festa,
Oh, escute o chamado! Boa caçada a todos
Que mantém a Lei da Selva!*

A Canção da Noite na Selva

Eram sete horas de uma noite bem quente nas montanhas de Seeonee quando o Pai Lobo acordou do descanso da tarde, coçou-se, bocejou e esticou suas patas uma após a outra para se livrar da sensação de dormência nos dedos. A Mãe Loba estava deitada com seu grande nariz cinzento sobre os quatro filhotes que choravam e se mexiam, e a lua brilhava na boca da caverna onde todos eles viviam.

– Argh – disse o Pai Lobo. – É hora de caçar novamente. – Ele estava pronto para descer a montanha quando uma pequena sombra de cauda peluda cruzou a entrada e ganiu:

1 Denominação usada para certas aves de rapina. (N.T.)

RUDYARD KIPLING

– Que a sorte o acompanhe, oh, Chefe dos Lobos. E que a sorte e os fortes dentes brancos acompanhem as crianças, para que elas jamais se esqueçam dos famintos neste mundo.

Era o chagal, Tabaqui, o Lambe-pratos, e os lobos da Índia desprezam Tabaqui porque ele anda por aí fazendo maldades, contando mentiras e comendo trapos e pedaços de couro da pilha de lixo da aldeia. Mas eles também têm medo dele, porque Tabaqui, mais do que qualquer um na selva, é capaz de enlouquecer. E então ele esquece que já sentiu medo de alguém e corre pela floresta mordendo tudo o que encontra no caminho. Até mesmo o tigre corre e se esconde quando o pequeno Tabaqui enlouquece, pois a loucura é a coisa mais vergonhosa que pode acontecer a uma criatura selvagem. Nós chamamos de hidrofobia², mas eles chamam de *dewanee*, a loucura, e fogem.

– Entre e olhe – disse o Pai Lobo de maneira severa –, mas não tem comida aqui.

– Para um lobo não – disse Tabaqui –, mas para alguém tão miserável como eu, um osso seco é um belo banquete. Quem somos nós, o Gidur-log, o povo chagal, para escolher e desprezar?

Ele correu para o fundo da caverna, onde encontrou o osso de um cervo ainda com um pouco de carne grudada nele, e sentou-se roendo alegremente a ponta.

– Muito obrigado por essa ótima refeição – ele disse, lambendo os lábios. – Que bonitas são as crianças nobres. Como são grandes seus olhos. E tão jovens também! Claro, claro, eu deveria ter me lembrado de que os filhos de reis são adultos desde o começo.

Tabaqui sabia tão bem quanto qualquer um que não há nada que traga tanto azar quanto elogiar crianças na presença delas. Ele ficou satisfeito de ver o Pai Lobo e a Mãe Loba desconfortáveis. Tabaqui sentou-se imóvel, alegrando-se com a maldade que havia feito, e então falou com malícia:

2 Também conhecida como raiva. (N.T.)

O LIVRO DA SELVA

– Shere Khan, o Grande, mudou seus territórios de caça. Ele vai caçar por entre essas montanhas na próxima lua, foi o que ele me disse.

Shere Khan era o tigre que vivia perto do Rio Waingunga, a pouco mais de trinta quilômetros de distância.

– Ele não tem o direito! – começou o Pai Lobo, irritado. – Pela Lei da Selva, ele não tem o direito de mudar de território sem o devido aviso. Ele vai assustar cada presa que vive em um espaço de quinze quilômetros, e eu tenho tido que caçar por dois.

– A mãe dele não o chamou de Lungri, o Manco, à toa – disse a Mãe Loba calmamente. – Ele manca de uma pata desde o nascimento. É por isso que só matou gado até hoje. Agora os habitantes de Waingunga estão irritados com Lungri, e ele veio para cá para irritar os nossos. Eles vão revirar a floresta quando ele já estiver distante, e nós e nossas crianças devemos fugir quando a grama for incendiada. Estamos, de fato, muito agradecidos ao Shere Khan!

– Devo informá-lo de sua gratidão? – perguntou Tabaqui.

– Saia! – rosnou o Pai Lobo. – Saia e cace com seu mestre. Você já causou danos demais para uma única noite.

– Estou indo – disse Tabaqui com calma. – Vocês podem ouvir Shere Khan lá embaixo na mata. Eu podia nem ter avisado vocês.

O Pai Lobo prestou atenção, e lá embaixo, no vale que acabava em um pequeno rio, ele ouviu o lamento seco, nervoso, rabugento e monótono de um tigre que não havia caçado nada e não se importava que toda a selva soubesse disso.

– Como é tolo! – disse o Pai Lobo. – Começar uma noite de trabalho com esse barulho! Ele acha que nossos cervos são como seus bois gordos de Waingunga?

– Silêncio. Não é nem boi nem cervo o que ele caça hoje à noite – disse a Mãe Loba. – É Homem.

O lamento havia mudado para um tipo de ronronar cantarolado que parecia vir de todos os lados. É o barulho que desorienta lenhadores

e ciganos que dormem sob o céu aberto e faz com que eles corram, às vezes, direto para a boca do tigre.

– Homem! – disse o Pai Lobo, mostrando todos os dentes brancos.
– Eca! Não há besouros e sapos o suficiente para ele comer? Precisa comer o Homem, e no nosso território?

A Lei da Selva, que nunca dá ordens sem razão, proíbe qualquer animal de comer o Homem, exceto quando ele está matando para ensinar às suas crianças como matar, e para isso ele deve caçar fora dos territórios de caça de sua matilha ou tribo. A verdadeira razão para isso é que matar homens, cedo ou tarde, significa a chegada de homens brancos em elefantes, com armas, e centenas de homens indianos com gongos, morteiros e tochas. E então todo mundo na selva sofre. O motivo que circula entre os animais é que o Homem é o mais fraco e mais indefeso de todos os seres vivos, e atacá-lo não seria uma conduta correta. Dizem também (e é verdade) que aqueles que se alimentam de Homem tornam-se sarnentos e perdem os dentes. O ronronar aumentou e terminou com um forte “Aaarh!” que o tigre faz ao atacar.

Depois veio um uivo, que não se parecia em nada com o de um tigre, de Shere Khan.

– Ele errou – disse a Mãe Loba. – O que aconteceu?

O Pai Lobo deu alguns passos e ouviu Shere Khan resmungando e murmurando de maneira selvagem enquanto tombava no matagal.

– O tolo saltou sobre a fogueira dos lenhadores e queimou o pé – disse o Pai Lobo com um grunhido. – Tabaqui está com ele.

– Algo está subindo a colina – observou a Mãe Loba, levantando uma das orelhas.

– Prepare-se.

Os arbustos se mexeram um pouco na mata e o Pai Lobo abaixou o quadril sobre as patas traseiras, pronto para saltar. Se você estivesse olhando, teria visto a coisa mais extraordinária do mundo, um lobo tentando parar o próprio ataque. Ele deu o salto antes de ver em que estava pulando e tentou parar o movimento no meio. O resultado foi que ele

deu um salto no ar, com um pouco mais de um metro de altura, aterrissando quase no mesmo ponto de onde havia saltado.

– Homem! – ele esbravejou. – Um filhote de homem. Olhe!

Bem à sua frente, segurando-se em um galho baixo, estava um bebê de pele marrom, nu, que mal conseguia andar. Gorducho e com coxinhas, era a coisa mais fofa que já havia entrado em uma caverna de lobos à noite. Ele olhou para o rosto do Pai Lobo e riu.

– Isso é um filhote de homem? – perguntou a Mãe Loba. – Nunca tinha visto um. Traga-o aqui.

Um lobo acostumado a mover seus próprios filhotes pode, se necessário, colocar um ovo na boca sem quebrá-lo, e ainda que as mandíbulas do Pai Lobo tivessem se fechado ao redor do pescoço da criança, nenhum dente sequer arranhou sua pele enquanto ele a colocava no meio dos filhotes.

– Tão pequeno! Tão nu... e tão corajoso! – disse a Mãe Loba suavemente. O bebê estava abrindo caminho por entre os filhotes para se aproximar do pelo quente.

– Veja só! Ele está se alimentando com os outros. Então isso é um filhote de homem. Já houve uma loba que pudesse se gabar de ter entre suas crias um filhote de homem?

– Já ouvi algo do tipo, mas nunca em nossa alcateia ou na minha época – disse o Pai Lobo. – Ele é completamente sem pelo e eu poderia matá-lo com um toque da minha pata. Mas veja, ele nos olha e não tem medo.

A luz da lua foi bloqueada na boca da caverna pela grande cabeça quadrada e pelos ombros de Shere Khan, que se enfiara na entrada. Tabaqui, atrás dele, estava guinchando:

– Meu senhor, meu senhor, ele foi por aqui!

– Que grande honra, Shere Khan – disse o Pai Lobo, mas seus olhos demonstravam raiva. – Do que Shere Khan precisa?

– Da minha presa. Um filhote de homem veio por aqui! – disse Shere Khan. – Seus pais fugiram. Dê o menino para mim.

Shere Khan havia pulado na fogueira dos lenhadores, como Pai Lobo havia dito, e estava furioso por causa da dor na pata queimada. Mas o Pai Lobo sabia que a boca da caverna era muito estreita para um tigre entrar. Mesmo de onde estava, os ombros e as patas dianteiras estavam apertados, como um homem ficaria se tentasse entrar em um barril.

– Os lobos são um povo livre – disse o Pai Lobo. – Eles obedecem às ordens do Líder da Alcateia e não de qualquer assassino de gado com listras pelo corpo. O filhote de homem é nosso, para matar se quisermos.

– Se quiser, se não quiser! Que história é essa de querer? Pelo touro que eu matei, vou ter que ficar com o focinho enfiado nesta toca de cachorros para conseguir o que é meu por direito? Sou eu, Shere Khan, quem está falando!

O rugido do tigre preencheu a caverna como um trovão. A Mãe Loba levantou-se, separando-se dos filhotes e saltou para a frente, seus olhos, como duas luas verdes na escuridão, encarando os olhos em chamas de Shere Khan.

– E sou eu, Raksha, o Demônio, que respondo! O filhote de homem é meu. Lungri, é meu. Ele não será morto. Viverá para correr com a alcateia e para caçar com a alcateia, e no final, veja bem, caçador de pequenos filhotes nus, comedor de sapos e assassino de peixes, ele caçará você! Agora suma daqui ou, pelo sambar³ que eu matei, pois não como gado faminto, volte para sua mãe, fera queimada da selva, mais manco do que você veio ao mundo! Vá!

Pai Lobo a olhou espantado. Ele quase havia se esquecido da época em que conquistou Mãe Loba em uma luta justa contra outros cinco lobos, quando ela corria com a alcateia e não era chamada de Demônio apenas por consideração.

Shere Khan encararia o Pai Lobo, mas ele não podia lutar contra a Mãe Loba, pois sabia onde estava. Ela tinha toda a vantagem do terreno

3 Espécie de cervo encontrado principalmente no sudoeste asiático. (N. T.)

e lutaria até a morte. Então saiu da boca da caverna rosnando e, quando já estava lá fora, gritou:

– Cada cachorro late em seu próprio quintal! Vamos ver o que a alcateia dirá sobre essa adoção de filhotes de homem. O filhote é meu e para minha boca ele virá no final, oh, ladrões de cauda peluda!

A Mãe Loba se jogou ofegante por entre os filhotes, e o Pai Lobo lhe disse seriamente:

– É verdade o que Shere Khan disse. O filhote terá que ser mostrado à alcateia. Você ainda vai querer ficar com ele, Mãe?

– Ficar com ele?! – ela arfou. – Ele veio nu, à noite, sozinho e com muita fome, ainda assim ele não teve medo! Olhe, ele já até empurrou um dos meus bebês para o lado. E aquele carniceiro manco o teria matado e fugido para Waingunga enquanto os habitantes da aldeia caçariam todas as nossas tocas buscando vingança. Ficar com ele? Com certeza ficaremos. Deite-se, sapinho. Oh, Mogli (pois de Mogli, o sapo, irei lhe chamar), chegará o dia em que você caçará Shere Khan assim como ele caçou você.

– Mas o que a alcateia vai dizer? – perguntou o Pai Lobo.

A Lei da Selva deixa muito claro que qualquer lobo pode, quando casar, deixar a alcateia à qual pertence. Mas, assim que seus filhotes tiverem idade suficiente para ficar de pé, ele deve levá-los ao Conselho da Alcateia, que ocorre geralmente uma vez por mês, na lua cheia, para que os outros lobos possam identificá-los. Após a inspeção, os filhotes estão livres para correr onde quiserem, e até que eles tenham matado o seu primeiro cervo, nenhuma desculpa é aceita caso um lobo adulto da alcateia mate um deles. A punição é a morte, se o assassino puder ser encontrado. E se você pensar sobre isso por um minuto, verá que é assim que tem que ser.

Pai Lobo esperou até que seus filhotes pudessem correr um pouco e então, na noite do Conselho da Alcateia, ele levou os filhotes, Mogli e a Mãe Loba à Pedra do Conselho, uma colina coberta com pedras e rochas onde centenas de lobos podiam se esconder. Akela, o grande

Lobo Solitário cinzento, que liderava toda a alcateia por causa de sua força e inteligência, deitou-se esparramado em sua pedra e abaixo dele sentaram-se quarenta ou mais lobos de todos os tamanhos e cores: de veteranos com cores semelhantes à de texugos, que podiam matar um cervo sozinhos, até lobos de 3 anos de idade com pelagem preta, que pensavam que podiam. O Lobo Solitário já os liderava fazia um ano. Ele havia caído duas vezes em uma armadilha de lobos na juventude, e uma vez havia apanhado e fora deixado para morrer, então ele conhecia os modos e costumes dos homens. Havia pouca conversa na Pedra. Os filhotes tropeçavam uns nos outros no centro do círculo onde mães e pais estavam sentados, e de vez em quando um lobo veterano ia silenciosamente até um filhote, olhava-o com cuidado e retornava ao seu lugar sem fazer barulho algum com os pés. Às vezes, uma mãe empurrava seu filhote em direção à luz da lua para garantir que ele não havia sido ignorado.

Akela bradou de sua pedra:

– Vocês conhecem a Lei, vocês conhecem a Lei. Olhem bem, oh, lobos!

E as mães ansiosas repetiam o chamado:

– Olhem, olhem bem, oh, lobos!

Por fim, os pelos do pescoço da Mãe Loba se eriçaram quando a hora chegou. Pai Lobo empurrou “Mogli, o sapo”, como o chamavam, até o centro, onde ele sentou-se, rindo e brincando com algumas pedrinhas que brilhavam ao luar. Akela nunca levantava a cabeça das patas e continuou com o aviso monótono:

– Olhem bem!

Um rugido abafado veio de trás das pedras, era a voz de Shere Khan que gritava:

– O filhote é meu. Deem-no para mim. O que o Povo Livre tem a ver com um filhote de homem?

Akela nem mesmo mexia as orelhas. Tudo o que ele disse foi:

O LIVRO DA SELVA

– Olhem bem, oh, lobos! O que o Povo Livre tem a ver com ordens que não são as do Povo Livre? Olhem bem!

Houve um coro de rosnados intensos, e um jovem lobo de 4 anos de idade fez a pergunta de Shere Khan para Akela:

– O que o Povo Livre tem a ver com um filhote de homem?

A Lei da Selva estabelece que se há alguma dúvida quanto ao direito de um filhote de ser aceito pela alcateia, ele deve ser defendido por pelo menos dois membros da alcateia que não sejam seu pai e sua mãe.

– Quem fala pelo filhote? – perguntou Akela. – Entre o Povo Livre, quem fala?

Não houve resposta e a Mãe Loba se preparou para o que ela sabia que seria sua última luta, se as coisas chegassem a esse ponto. Então, a única outra criatura que tem permissão no Conselho da Alcateia, Balu, o urso-pardo dorminhoco que ensina a Lei da Selva para os filhotes de lobo, o velho Balu que podia ir para e vir de onde quisesse porque só comia nozes, raízes e mel, ficou sobre as patas traseiras e grunhiu.

– O filhote de homem... o filhote de homem? – ele perguntou. – Eu falo pelo filhote de homem. O filhote de homem não causa mal algum. Não tenho o dom das palavras, mas falo a verdade. Deixe que ele corra com a alcateia e seja introduzido com os outros. Eu mesmo vou ensiná-lo.

– Ainda precisamos de outro – disse Akela. – Balu falou, e ele é o professor dos nossos filhotes. Quem fala além do Balu?

Uma sombra caiu sobre o círculo. Era Baguera, a pantera-negra cuja pelagem era preta igual nanquim, mas com as marcas típicas de pantera aparecendo de acordo com a luz, como uma seda molhada. Todos conheciam Baguera e ninguém ousava cruzar seu caminho, pois ele era esperto como Tabaqui, corajoso como um búfalo selvagem, e inconstante como um elefante machucado. No entanto, ele tinha uma voz suave como mel silvestre gotejando de uma árvore e uma pele macia como penugem.